

No Chile, sucessos e problemas

O professor Andrés Vellasco, da New York University, recorreu a uma ironia para enumerar os principais indicadores de desempenho da economia chilena, no debate "Panorama da Economia Mundial", realizado ontem em São Paulo. Vellasco, que fez parte do time do Ministério das Finanças do Chile, entre 1990 e 1992, lembrou que economistas costumam estar sempre às voltas com "histórias de horror e não de êxito" – exatamente ao contrário do que ocorre no Chile.

A economia chilena, neste ano, continuará a exibir resultados bastante satisfatórios. A inflação deve ficar entre 6,5% e 7%, novamente abaixo do

crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), estimado em 7,1% a 7,2%. O superávit fiscal deve corresponder a 2% do PIB. E a taxa de desemprego deve ficar em 5,5%, na média do ano.

No comércio exterior, espera-se uma mudança de rumo – ligeiramente para pior. A queda dos preços internacionais do cobre, produto de destaque da pauta de exportações do país, deve provocar um déficit na balança comercial da ordem de US\$ 1 bilhão e, por tabela, um déficit de US\$ 2 bilhões em transações correntes. Mas a continuidade da entrada de capitais externos deve ser suficiente para aumentar as reservas internacio-

nais, calculadas em US\$ 18 bilhões no final do ano.

Vellasco, contudo, adverte que a economia chilena ainda enfrenta sobressaltos. As empresas públicas continuam, na sua avaliação, com problemas de produtividade. É o caso típico da estatal de carvão, que quase fechou as portas há duas semanas, e exigiu aporte de recursos para operar pelo menos até o final do ano.

A saúde pública, que atende a mais de 70% da população, também se mostra ineficiente. E o sistema educacional não cobre as necessidades de qualificação do pessoal para as exigências do mercado de trabalho.

(M.A.D.)